N.º 30 Ovar—Domingo 13 de Fevereiro de 1887 1.º anno

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.
Pagamento adiantado

Redacção e administração rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs a linha.
Repetições..... 20 rs. a linha
Annuncios premanente 5 » »
Folha avulsa..... 40 rs.

O monopolio dos tabacos

Turvam se um pouco os horisontes politicos. O ministerio, vivendo até ha pouco quasi sem opposição, arroja-se a altos commettimentos, deixa-se arrastar pelo snr. Marianno de Carvalho, o chefe incontestado de todos os syndicateiros poderosos que exploram o paiz em beneficio das companhias de que são accionistas.

Reformas importantes se tinham decretado em dictadura, refundindo todos os ramos d'administração publica, augmentando extraordinariamente a despeza: aposentaram-se indevidamente muitos empregados: crearam-se empregos para n'elles collocar os amigos que tinham prestado serviços eleitoraes: concederam-se subsidios: gastaram-se centenares de contos em festas espaventosas por occasião do casamento do principe real: dissolveram-se as Camaras para que o ministerio não fosse obrigado a dar conta dos seus actos, e tudo isto o paiz supportára sem que se levantasse uma reclamação, sem que se ouvisse o mais insignificante protesto. Por isso os dictadores julgaram o momento opportuno para presentear os accionistas d'uma grande companhia com alguns centos de contos.

O indifferentismo publico estava comprovado de mais para que a concessão d'um monopolio podesse operar a mudança temida.

Comtudo o snr. Marianno de Carvalho enganou-se d'esta vez. O protesto levantou-se logo que a imprensa deu rebate e o povo concorreu aos *meetings*, um pouco tarde para impedir a concessão do monopolio, mas cedo bastante para condemnar o ministerio dos arranjos, a *tratada* ignobil que nos põe á mercê d'uma companhia exploradora.

Desde que o livre-cambismo foi acceite, os monopolios foram condemnados. Impugnaram-nos vivamente os nossos primeiros parlamentares e estadistas; e abolidos desde ha muito ninguem esperava que nas circunstancias actuaes, quando as estatisticas mostram que a receita augmenta progressivamente, o governo viesse decretar dictatorialmente um monopolio que, se a opinião publica não reclamasse, seria o predecessor de outros muitos com que o snr. Marianno de Carvalho nos queria brindar. Fora o partido historico-progressista que terminara com o ultimo monopolio e era essa a sua melhor corôa de gloria; e decerto ninguem pensaria que havia de ser esse mesmo partido que o restauraria.

O partido progressista renega hoje as tradicções brilhantes do ministerio historico, como em 1885 renegara os principios politicos do seu programma, o programma democratico da Granja que em 1878 conseguira ainda sacudir o povo do torpor em que se achava mergulhado e levantal-o para uma quasi revolução.

Despresou os seus principios politicos para entrar francamente, descaradamente no campo das concessões aos syndicatos, acobertando-se com suppostos interesses publicos.

Pasma-se de vêr o modo como o governo zela os interesses d'uma grande companhia, restingindo abusivamente a liberdade industrial, quer publicando decretos, quer empregando simplesmente a força, só para que a protegida não tenha competidoras e possa mais facilmente explorar os consumidores.

Como opposição nenhum partido levantou mais alto a liberdade—como governo nenhum a sophismou tanto: sempre a mesma contradicção!

Rebaixado á condicção de simples corretor de companhias, o governo perde constantemente o prestigio, vive tambem de concessões. Não supportará o primeiro embate da opposição, como já não pode repellir as imposições d'uma classe por pouco importante que seja.

Viu se ainda ha dias a classe dos ourives do Porto reclamar e ameaçar o governo de votar com o partido republicano, por causa das ultimas medidas decretadas, relativas á contrastaria. O ministerio ouvio as reclamações e declarou que ia remediar os inconvenientes, engulir o que fizera.

Quando os governos vivem assim, curvando-se, acceitando todas as imposições que lhes façam, esses governos estão condemnados á morte.

POLITICA CONCELHIA

Roubo da eleição dos quarenta maiores contribuintes.

Espancaram os quarenta maiores contribuintes quando se dirigiam para a assembleia eleitoral: riram dos protestos que elles fizeram publicar, e agora procuram coagil-os, engana-los para que assignem um contra protesto, desdizendo-se.

O Cunha, o Soares Pinto e outros batem ás portas d'esses mesmos quarenta maiores contribuintes, intimidam-nos, offerecem-lhes dinheiro, illudem-nos para vêr se elles assignam um papel que lhes apresentam em branco, dizendo que ja que fizeram ao dr. Aralla *um favor* lhes façam agora outro, assignando um papel que em nada os prejudicará.

Esta procissão de penitencia, este *pedido* do Cunha e da *troupe* aos offendidos teve logar nos dias 5 e 6 do corrente mez, e ainda no dia 7 o Lopes andou por Vallega intimidando, ameaçando alguns d'elles.

Cremos bem que nem as ameaças nem os pedidos, nem o dinheiro conseguiram illudir nenhum dos quarenta maiores contribuintes e por isso o contra-protesto não sahirá á luz da publicidade. Mas se tal succedesse nenhum valor teria porque nenhum valor tem uma assignatura extorquida.

Alguns dos quarenta maiores sabendo que os cabeças os iriam intimidar, fugiram de suas casas para não serem obrigados a assignar um documento falso e contradictorio com o que affirmaram já por mais de que uma vez.

Não queremos por emquanto tirar todas as conclusões d'este procedimento inexplicavel em *politicos* que até agora se tem julgado sempre acima da lei, seguindo fielmente as prescripções ordemnadas pelo snr. Francisco de Castro Mattoso Corte-Real.

Pois para que vem agora esse empenho em colher assignaturas para um contra protesto, se a commissão recenseadora está funccionando legalmente? se é mentira o que a opposição tem desde ha muito affirmado? Para que violentar, pedir, enganar os quarenta maiores contribuintes que foram espancados no dia 7 de janeiro, se esses mesmos quarenta maiores não votavam pelo partido regenerador? Se julgam valida a eleição da actual commissão recenseadora, porque se incommodam a elaborar contra protestos? Pois não é melhor deixar á opposição a vontade a pregar no deserto?

Afinal de contas nem tudo são rosas. Bem diziamos nós desde o principio que ao snr. Mattoso, ao cabeça-mor de todos os arruaceiros, não convinha que se soubesse do papel importantissimo que tem desempenhado nos acontecimentos d'Ovar: bem diziamos nós que o snr. Mattoso ha-de fugir sempre da liquidação das responsabilidades. Como a sua cumplicidade é manifesta, o snr. Francisco de Castro obriga os seus correligionarios d'este concelho a irem bater á porta dos individuos que mandaram espancar.

Pelo que se vê os *politicos* não teem confiança em que a sua *querida* commissão leve os seus trabalhos a cabo. E' o remorso do cabeça que os aguilhoa e elles como carneirinhos não tem duvida em assaltar a casa dos seus inimigos politicos e pessoaes, conjunctamente com a malta de que sempre andam accompanhados.

E vem estes homens contra-protestar passado mais de um mez depois que foi eleita a commissão: passado quasi um mez depois que esses mesmos quarenta maiores contribuintes dirigiram ao paiz o seu protesto devidamente assignado e com as assignaturas reconhecidas! Pois não seria mais facil dizerem que as assignaturas do protesto eram falsas e comprovarem devidamente essa affirmação? Effectivamente elles disseram, mas provar era-lhes impossivel; e por isso procuram agora coagir e illudir os quarenta maiores contribuintes para alcançarem as suas assignaturas em papel em branco para depois escreverem o que lhes convier.

Não é mau o systhema!

Já tinhamos escripto este artigo quando vimos um *supplemento* em que os *politicos* apresentam uns suppostos documentos para armar ao effeito..

No nosso numero seguinte responder-lhe-hemos como merecem publicando alguns documentos e, para lhes fazer a vontade, diremos qual o nome do escrivão que os merece.

Como alli se apresenta uma certidão passada pelo sr. Sotto-Maior, escrivão da fazenda d'este concelho, queremos vêr até que ponto é verdadeira.

Visto que agora se apresentam documentos discutil-os-hemos para illucidar o publico da tramoia que os politicos preparam nos dias 5, 6 e seguinte d'este mez.

BATOTA

Quasi chegamos a ter pena do papel que o desgraçado Cunha tem sido obrigado a representar. Agora que elle suppunha ir embolsar os 600$000 reis, obrigamno a fazer um requerimento á camara declarando que não quer receber o ordemnado relativo ao tempo em que deixou de trabalhar. De maneira que em vez de embolsar os 600$000 reis por completo embolsará menos.

Agora a rasão do requerimento=como a commissão executiva de proposito e simplesmente para favorecer um amigo, tinha mandado incluir no orçamento da despeza uma verba, que de nenhum modo poderia ser paga, devia responder criminalmente pelo seu procedimento.

Naturalmente os da commissão disseram ao Cunha que apesar de mandar incluir verba no orçamento para lhe pagar, elle não poderia receber sem comprometter os membros da commissão. Então o Cunha que queria mostrar aos habitantes d'Ovar que a camara lhe fizera uma injustiça não lhe pagando, e além d'isso querendo-se mostrar-se generosamente ao povo que o conhece bem e a quem já se não deixa illudir, comprometteu-se a requerer que não receberia os ordenados desde a data da demissão. Salvava assim a honra do convento.

Nós porém perguntamos=o Cunha trabalhou até que foi demittido? Quando viu que lhe não pagavam, reclamou devida e legalmente o pagamento?

Não: nem o reclamou, nem o pediu até que entrou para a presidencia da camara. Senhor do cofre, só então penso em embolsar o dinheiro a que não tinha direito e declarar que não queria ser pago alem do dia em que foi demittido.

Mas o requerimento que este individuo dirigiu á *exc.ma camara* e que fez publicar no jornal affecto não deixa de ter graça. Diz elle=que «tendo já sido definitivamente suspenso de todos os seus vencimentos desde o 1.º de abril de 1884, tudo illegal e arbitrariamente...»

O Cunha diz que foi suspenso *illegal e arbitrariamente* e comtudo deve lembrar-se bem de que um dia foi á camara para requerer que se lhe certificasse qual tinha sido até ahi o seu procedimento como medico municipal, e que um dos vereadores lhe disse que não provocasse uma decisão da mesma camara porque alli se achavam archivadas bastantes queixas pelos quaes se provava que elle nem ia visitar os doentes pobres d'esta villa, nem ia visitar os doentes pobres das freguezias, e alem d'isso levava dinheiro a todos os que se achavam isentos de lhe pagarem. O Cunha deve lembrar-se que fugiu immediatamente e nunca mais procurou saber do despacho do requerimento. Portanto, como se vê, nem foi illegal e arbitrariamente suspenso, nem ainda tinha direito aos ordemnados desde essa epocha como affirma e como os ha-de embolsar, apesar de todas as *generosidades*.

Diz mais=«não querendo ser reintegrado no partido de medicina d'este concelho.»

Pobre homem, coitado!

Este snr. julga que n'este concelho pode ser tudo quanto lhe vier á cabeça. Só elle se lembra de querer ser vereador e medico municipal ao mesmo tempo! E então diz=não querendo= como, se quizesse, o podia ser.

Profundamente desgraçado, este snr. Cunha e não haverá uma alma caridosa que o obrigue a calar-se para não mostrar o estado em que anda?

Perderam-no e elle ainda não era mau medico, mas agora mettido em politica, rodeado da gente mais fraca que vive n'esta villa, nem é politico, nem medico pode ser ao menos.

E apesar da *generosidade* ainda ficamos batoteados.

ESCALPELLANDO

«O sr. Soares Pinto... foi procurar ao partido progresista a realisação das suas aspirações de homem de bem... e uniu-se aos que podiam realisar no futuro as prosperidades pelas quaes o seu coração patriota aspirava para a sua terra.»

(*Ovarense* n.º 188).

I

Por muito que rebuscasse não encontraria decerto no sr. Antonio Soares Pinto o feitio d'um *Almaviva* idalista que em bellas noutes quando a lua passeia pelo espaço,

enchendo tudo de luz, e quando a brisa perfuma o ambiente depois de ter atravessado o jasmineiro em flôr e quando o rouxinol, nos chopos e o Ribeiro (será o escrivão?) murmurando por entre os sinceraes, fazem mutuas confidencias, andasse procurando a realisação das suas aspirações de homem de bem e as prosperidades pelas quaes o seu coração patriota aspirava para a sua terra!

Quem tal diria?—andar a taes deshoras o sr. Antonio Soares Pinto de banza em punho, desferindo accordes dolentes sob uma janella rendilhada, e isto sómente porque o mesmo sr. não encara a camara como uma matrona ignobil!

Sim, talvez seja assim!

Como *Espectro* vivo ha muito fóra das *conveniencias* mundanas. Só á noute evolando-me do sepulchro, errando pelas ruas desertas, quando tudo dorme, vou pé ante pé pousar a minha mão invisivel, diaphana sobre a consciencia do vivente que agora (oh tempos!) possue em alto gran o que se chama dignidade, e encontro-lhe apenas *palha e fava*, sómente *palha e fava*. Talvez por effeito da miragem eu só veja n'ella a preocupação constante d'um regimento de cavallaria que em más horas se foi e que *deixava* algumas libras de *palha e fava*: talvez eu só lá veja a preoccupação constante de empalmar os reaes camararios: talvez eu só lá veja o desejo ardentissimo de alargar uma propriedade que fica na Marinha: sim póde ser que eu lá veja um unico movel para todos os actos do vivo — *o comer*: sim póde ser que a miragem transtorne tudo, porque o *Espectro* vive da visão e porque elle não é mais do que uma visão.

Se eu visse por ahi de noute o sr. Antonio Soares Pinto contemplando uma rendilhada janella pensaria que elle estava esperando que d'alli por milagre cahisse algum regimento de cavallaria.

Visão! tudo visões!

Comtudo eu sou o *Espectro* justiceiro que de noute *percorro* silenciosamente as ruas, asculto as consciencias criminosas e *lanço em rosto* a toda a coheste de carga-d'ossos—irs *as suas acções*: eu sou o *Espectro* inflexivel que cravo fundo a espada no coração do desgraçado vendido, do cynico interesseiro, do concussionario prevertido que atraiçôa, que se vende.

Caminhando vagarosamente não perturbo o menestre enamorado que fita a janella onde está emoldurada a formosa cabeça, em *cujos* olhos pretos a lua põe uns tons que seduzem, mas descubro o falsario, o passador de moeda falsa que em noutes mal dormidas vem de Elvas com uma sacca de libras falsas e as entrega a um desgrado de Pardilhó, a um pobretana que, honrado até então, teve de espiar na cadeia crimes que não commetteu. Eu vi muitas vezes o falsario, que, montado n'uma egoa se escoava por entre os pinheiraes sombrios quando a lua banhava de luz os areaes distantes; eu vi-o de rosto medonhamente contrahido, apertando uma bolsa posta a tiracolo. Pousei a minha mão diaphana, fria, na consciencia d'esse vivente e ella estremeceu, bradou bem alto e eu conheci o que continha a sacca—eram as libras vindas de Elvas. Essa consciencia nunca mais socegou.

E é por isso que eu, o *Espectro*, todas as noutes me evolo dos sepulcros, erro pelas ruas desertas e vou pé, ante pé, pousar a minha mão invisivel e diaphana sobre a consciencia dos viventes que dormem, e, pela manhã, quando os raios dourados do sol começam a romper as fitas de nevoeiro que toldam o horisonte, me recolho á campa a descançar das fadigas.

Porém ha quem diga que eu não sou uma visão.

Espectro

LETRAS E LERIAS

RISCOS

O Berlengas apedrejado. O cavallorio do Placo II.

Pobre Berlengas! os seus sonhos dourados vão-se desfazendo pouco e pouco. João Carvoeira espreitando-o deve hoje ter-se talvez compadecido do ultimo herdeiro da raça dos precitos, dos miseraveis assassinos que lhe vararam o coração com uma punhalada

Pobre Berlengas! ha dias ainda vaidoso, brilhando-lhe os olhos d'alegria, sorrindo amarellamente para a turba dos vadios ebrios, e hoje, hoje corrido, por esses mesmos vadios que, ascultando-o, vendo-o sem aquella capa do cynismo que o cobre, conheceram-no bem fundo e arremessaram-lhe pedras, apuparam-no.

Pobre Berlengas! alma feita de lama e crime, mistura de cynismo e vaidade, receptaculo de vinganças e odios, és mais podre, mais nogento, mais miseravel do que o cão vadio que de noute em rua deserta ladra á lua.

Quando nos momentos de fraqueza te expões a ser observado, todos fogem de ti, todos tem nojo de ti, e se alguem por compaixão te lança um olhar de piedade, tu, desgraçado, empeçonhal-o.

E's mais vil do que o ultimo dos Farrapeiros que te accompanham, ao menos esses quando se dissipam os fumos do alcool, reconhecem a mão que os amparou na desgraça, mas tu, miseravel, mordeste a mão que te deu as mezadas que em Coimbra consumias.

Essa alma crupulosa, nogenta, e digna herdeira dos Berlengas antigos, os assassinos covardes do infeliz João Carvoeira.

Pobre Berlengas! agora até os bancos de ferro te servem de forca, dão logar aos vadios para te apedrejarem.

Pobre Berlengas!

Sempre os mesmos!

Elles julgam que o Placo II, esse Placo modelo anda percorrendo as casas do snr. governo, pedindo o subsidio das taes 1:000 libras e afinal de contas não vem o dinheiro nem o Placo.

O cavallorio já de ha muito andava triste, faltava-lhe o seu querido companheiro nas lidas eleitoraes, ficara para alli esquecido a um canto e nem a *troupe* o vinha animar chamando-lhe administrador. O Placo fugira e não mais viera. Nem um bocado de palestra!

Um dia porém vieram-lhe communicar que o *augusto* patrão o mandara ir ter com elle, e o cavallorio avermelhado ao deixar a terra de ingratos relinchava alegremente.

O Berlengas ao vel-o passar tivera um triste presentimento—decerto o meu compadre Placo não voltará—monologam.

E na vardade o Placo lá de longe fazia figas ao compadre idiota que agora aguentava com a carga, emquanto elle se rojava aos pés do snr. governo pedindo-lhe um empreguito que ao menos rendesse 300$000 reis.

E os pobres parvos a pensarem nas 1:000 libras que o Placo havia de trazer para pagar todos os calotes!

Sempre os mesmos!

Ismael.

Novidades

A forca. — Faz ámanhã 3 mezes que os limonadas levantaram na Praça a forca.

As basofias do sr. Regedor. — Sabbado á noute, na rua de S. Thomé, proximo ao Largo do Chafariz, na occasião em que passavam o sr. regedor, o seu cão e um irmão do sr. regedor, o cão pegou-se com um outro. O irmão do sr. regedor puchou d'um rewolver e quiz fazer fogo sobre o cão que tinha vindo attacar o cão do sr. regedor. Como o cão aggressor pertencia a um visinho do sr. regedor este quiz alli mostrar a importancia da regedoria e começou á dizer em altos berros = eu sou a primeira auctoridade d'esta terra, eu se quizer metto tudo na cadeia, porque eu posso, quero e mando. =

Afinal de contas nem o sr. regedor, nem o mano do sr. regedor fizeram cousa alguma e lá foram preparar-se para os acontecimentos do dia seguinte.

As infelecidades do sr. regedor. — Antes de relatar-mos os factos precisamos de mencionar os seus antecedentes.

Nós já dissémos que um artista d'esta villa tinha ido pedir ao Cunha que lhe désse a concertar uns bancos de ferro pertencentes á camara = que o Cunha lhe tinha respondido que não lhe podia dar trabalho porque um artista do mesmo officia lhe tinha prestado serviços em virtude dos quaes arriscára por vezes a pelle =

O tal artista não se contentou com a resposta e *pilhando* o Cunha fóra ha presidencia, dirigiu-se ao vice-presidente João Baptista. Este menos condescendente para com a vadiagem e tendo em mira vingar antigas offensas que o Cunha lhe fizéra, dar-lhe um *cheque*, satisfez ao pedido, demodo que o Cunha ficou *embarrilado*.

Escusado será dizer-se que o protegido do Cunha ficou escamadissimo e, contam-nos até, que o apedragaram em uma das noutes passadas.

Pois as infelicidades do sr. regedor tiveram origem n'isto.

O Abilino Banca estava proximo ao Largo do Chafariz quando vinha d'Arruella um grupo de *afectos*. Juntou-se a alguns d'elles e em companhia do Zezere dirigiarm-se para a taberna de Jeronymo Alves Ferreira Lopes.

Entrando ahi viram uns pedreiros que pacificamente estavam bebericando. Principiaram conversa sobre o assumpto da compostura dos bancos de ferro.

Os pedreiros, crêmos que Jeronymo Alves, advogavam a causa do protegido de João Baptista, emquanto que Abilio Banca, Zezere e outros a do protegido do Cunha que era sem mais nem menos do que o proprio Abilio Banca.

Palavra pucha palavras e d'ahi a pouco Jeronymo Alves tinha apanhado uma valente bofetada e os pedreiros estavam esmurrados.

A desordem que principiára na taberna viéra para o largo fronteiro.

Appareceu então em scena o sr. regedor, que vindo de sua casa julgava que com a sua auctoridade do *posso, quero e mando* do dia antecedente poderia applacar a desordem.

Mal chegára ao meio dos contendores e já o Zezere lhe tinha dado uma boa paulada no hombro.

Qual palavras nem qual auctoridade! alli cada um arrajava-se como podia.

O sr. regedor que levava o mano atraz de si deu voz preso ao Zezere emquanto o mano de rewolver em punho o segurava. O Zezere vae-lhe dizendo = qual preso nem qual diabo, sua auctoridade da... = Comtudo não se podia safar, estava filado e filado de vez.

Então, com que cahindo do ceu, appareceu-lhe um auxilio inexperado.

Era nem mais nem menos do que á sua mulher, acompanhada de uma rapariga.

Aquella atirou-se ao sr regedor, filou.....

.....e de tal sorte que elle berrava despositadamente pedindo que o livrassem porque senão morreria; acudam-me gritava elle, este diabo mata-me! ás armas!

O sr. regedor não teve remedio assim largar o Zezere e a mulher d'este ia-lhe dizendo então era você, sua auctoridade da... que queria levar o meu homem para a cadeia?

O sr. regedor ainda d'esta refrega sahiu ferido com uma pancada na cabeça.

Entretanto o Bernardo Farrapeiro tinha sido estendido com outra.

Appareceu a guarda da cadeia mas nada pôde fazer.

Contam-nos que a poucos passos se achava o sr. administrador substituto e perguntando-lhe alguem a razão porque não intervinha, dissera = elles estão todos bebados e lá se arranjem = Effectivamente se tal succedeu fez bem não intervir por que lhe succederia o mesmo que ao sr. regedor infeliz.

D'ahi a momentos levantava-se o Bernardo Farrapeiro e ao vêr o seu querido partido politico a fazer tão tristes papeis disse: bem diz F. que este partido é uma corja de bebados?

A desordem durara por espaço de duas horas; tinham sido feridos bastantes individuos e comtudo nenhum dos aggrsssôres fora preso.

Queremos apresentar o facto despido de commentarios. O publico que avalia o procedimento dos *politicos progressistas*, dos celebres *vereadores* das eleições camararias e dos quarenta maiores contribuintes.

A auctoridade administrativa incitou os vadios e arruaceiros á desordem, agora como elles não teem inimigos para espancar, espancam-se uns aos outros.

O Caramba. — Conhecem o Caramba, um pobre pescador?

Pois esse desgraçado andava, domingo, pelas ruas dando vivas ao Senhor dos Passos da Graça e ao Caramba, quando se viu filado pela auctoridade e mettido na cadeia.

Foram sempre assim = fortes com os fracos. mas fracos com Zezeres e outros que lhes vão chegando lenha quando podem.

Gallos. — Com que então, não se deram galos a algúns vereadores por occasião de se conceder um terreno no Caes da Ribeira, para uma fragata?!

Os concorrentes eram dous: Manoel José «Libarata» e Bernardino da Marcella—o terreno só chegava para um. Por isso vieram as pretensões e os pedidos.

O «Liberata» agarrou-se ao Polonia e o da Marcella foi *resar* ao Carvalho e ao Sucena. A camara era de opinião que o terreno fosse dado ao segundo, mas como o Polonia não é menino que se leve á parede, teve de ir toda a camara ao Caes para decidir a contenda.

Logo que a decisão foi dada em favor do «Libarata» quasi todos os calafates e com elles o José Maria Vilão, Tarujo e outros do partido fizeram uma troça espantosa ao da Marcella, foram cantando *cró cró cró* e fazendo referencia aos gallos.

Parece que o Villão, o Tarujo e alguns outros não devem ser suspeitos.

Não ha remedio senão acceitarem agora a noticia, já que em tempo acceitaram os gallos.

Mas pelo que vemos tambem não é verdade o Polonia ter recebido do Bernardo Famfam um lombo de porco e uma arroba de atum por este *influente* ter arranjado da camara terreno no Furadouro para a construcção d'um palheiro, indo o filho do Polonia escolher o local e demarcal-o? que dizem?

Nós achamos rasão aos pedintes em irem ter com o Polonia em vez de irem ter com o Cunha porque afinal de contas é o Poloula quem manda tudo, como se mostrou na celebre questão do logar para a construcção da fragata.

Pobre Cunha!

Lá se vae tudo. — Bem se diz: andam uns a poupar para os outros estragar.

Informam-nos de que a camara vae vender os terrenos situados entre a Costa do Furadouro e o Carregal, comprehendendo n'essa venda as novas mattas.

Olá, amigos, quando quizerem vender façam ao menos o favor de annunciarem isso para que todo o povo possa concorrer e fazer fogo aos socios. Não arranjem monopolios á moda dos da ministro da fazenda.

Honestos. — O snr. Soares Pinto e o effectivo arrematante dos reaes camararios.

Prova-se 1.° porque é elle quem manda receber a importancia dos reaes do vinho vendido durante o mez de Janeiro do corrente anno—2.° porque é elle quem manda fazer os varejos, como por varias vezes tem confessado os empregados—3.° porque é elle quem tem contractado as avenças—4.° porque é elle quem tem dado as instrucções para os apareadores se regularem.

Os armazens tem sido mandados espiar por vigias com ordem do snr. Soares Pinto.

Prova-se 1.° porque muitas testemunhas presensearam haver espias proximo aos armazens de Antonio da Silva Nataria, Manoel d'Oliveira Barbosa, José d'Oliveira Vinagre e José Fragateiro de Pinho Branco—2.° porque quan-

do estava um vigia (por nome Redes) proximo ao armazem de José Fragateiro de Pinho Branco, este negociante se dirigiu a elle com duas testemunhas perguntando-lhe o que fazia alli—e elle respondeu que tinha sido mandado pelo snr. Soares Pinto para espiar o seu armazem e ver quem vinha comprar vinho.

—O Luzes e o Victoria ganham 600 reis diarios cada um. Prova-se 1.º porque apesar da reconhecida incompetencia d'ambos para exercer tal cargo, nem o Luzes, nem o Victoria eram *politicos* que se contentassem com 300 reis por dia—2.º porque na sessão camararia em que foi proposta a nomeação d'ambos se botou que a camara nomeasse dous mestres d'obras, sem se referir nenhum dos vereadores ao ordenado, ficando portanto assente que cada um devia vencer o ordenado de mestre d'obras camararias que até ahi tinha sido de 600 reis.

—A camara recebeu o «Diario do Governo «da redacção do «Ovarense» para embolsar a *empresa* da importancia da assignatura.

Vamos saber quem assignou o competente mandado e depois provaremos a nossa asserção.

Cremos ter respondido a tudo comprovando devidamente.

A historia do retracto - -Já que não podemos agora dispor do espaço, no numero seguinte explicaremos a historia do retracto e da dedicatoria que o accompanha. Os desgraçados veem-se perdidos e por isso lançam mão de todos os meios ainda mais vis para vêr se conseguem despertigiar os adversarios. Hão-de ver que ainda por esse lado nada mais conseguem do que mostrar quem são.

No proximo numero fallaremos.

Os limonadas em apertos.—Os limonadas ainda não pagaram á musica, ainda não pagaram aos fogueteiros, ainda não pagaram aos vendeiros de Esmoriz e de Cortegaça as despezas feitas com a eleição camararia.

Pagai limonadas!

Destacamento—Foi rendido, por outro do mesmo, o regimento de cavallaria de que era *dignissimo* commandante o snr. Faro. Este snr. Faro empenhou-se muito para continuar destacado e os politicos limonadas com o snr. Manoel Firmino trabalharam bastante n'esse sentido, mas afinal não poderam aguentar aqui o Faro e elle lá se foi, não sem ser já tempo.

«Maria Rita».—Recebemos a visita d'este nosso distincto collega. A *Maria Rita* que interrompeu por algum tempo a sua publicação, apparece-nos mais renovada, mais alegre e promette contar cousas do *Arco-da-Velha*.

Este explendido jornal de caricaturas, assigna-se na rua das Oliveirinhas, 43—Porto.

Supplemento.—Por absoluta falta de espaço não respondemos hoje ao supplemento ao *papel*, onde se pretendem desfazer os protestos que os quarenta maiores contribuintes dirigiram ao paiz.

Já tinhamos escripto o nosso primeiro artigo da *politica conselhia* quando appareceu o tal supplemento.

Como se vê as ameaças produziram algum effeito nos mais timoratos. O Cunha ameaçou os que pode, offereceu dinheiro para ver se conseguia com que todos os quarenta se desdissessem mas não o conseguiu.

No proximo numero publicaremos alguns documentos por onde se poderá vêr quanto valem as affirmações dos homens do *papel*.

Administrador substituto.—Contam-nos que o snr. Luiz Ferreira viera no sabbado a Ovar para fazer contas com os seus correligionarios a fim de pagarem as despezas feitas com a eleição. Mas como nenhum quiz abonar dinheiro o snr. Luiz Ferreira julgou tolice pagar elle só o que por ahi se deve e foi-se outra vez embora

De modo que ha quasi um mez, estamos sem nenhem dos administradores do concelho.

Uma santa pandiga!

Um regedor por agua abaixo.—Dizem que o snr. Placido Ramos foi pedir já a sua demissão, mas que até agora ainda não foi acceite.

O snr. Placido tem ameaçado tantas vezes os correligionarios de ir pedir a demissão que d'esta vez não escapa a ella.

«A Martyr.»—Recebamos o 4.º fasciculo d'este interessante romance de Emilio Rechibourg.

Agradecemos.

COMMUNICADOS

VALLEGA

Snr. redactor.

Mostraram-me no *papelucho* que os limonadas ahi publicam, um communicado d'esta freguezia em que um tal *Zé Pisco* diz que quer saber qual é vendeiro de Vallega a quem os mesmos limonadas devem.

Pois, snr. redactor, eu para que elles não andem a basofiar voulhes dizer quem é, e, creia-o a maior parte da freguezia o sabe porque o tal negociante não se escondia para o dizer.

O negociante a quem os limonadas deviam até ha muito pouco tempo e não sei se ainda agora é o snr. José Caetano, mais conhecido n'esta freguezia por José Janota, e a quantia que lhe deviam era de 7:000 réis.

—Como já se deve saber foi nomeado substituto do regedor o *Racha*! E' caso para a gente se admirar; mas que se lhe ha-de fazer?

—Já por aqui se diz que o nosso rev. abbade não é proposto d'esta vez deputado.

—Se o *Zé Pisco* continuar, peço-lhe snr. redactor o obsequio de me conceder um pequeno espaço para lhe pôr as coisas mais claras.

Já que quer festa ha de-lhe suar a testa.

Zabumba.

ANNUNCIOS LITTERARIOS

FLORENTINE

Foi distribuido o n.º 307 da *Bandeira Portugueza*. Continua os escandalos da policia e entre outros artigos publica a noticia desenvolvida de uma opera nova *O escravo* do maestro Carlos Gomes, auctor do *Guarony*.

Na parte artistica, vemos um trecho para piano intitulado *Florentine*, transcripto da opera *Boccacio*, pelo conhecido maestro Freitas Gazul.

Assignatura, trimestre 700 rs. Assina-se na rua dosq Faqueiros, 207, 1.º Lisboa.

IMPORTANTE

Supplemento ao Codigo

COM O

Decreto complementar ao Codigo Administractivo, reorganisando o Supremo Tribunal Administractivo, e a Reforma de Instrucção Secundaria.—Decreto sobre a Organisação dos serviços de fazenda Publica nos districtos e concelhos do reino.—Decreto regulando o direito d'aposentação, e Rectificações ao Codigo e Relatorios do Governo. Tudo n'um volume, 200 reis, pelo correio, 250. E com a Reforma Judiciaria apenas 250 reis—Pelo correio, 300 reis. em volume tambem.

A venda em todas as livrarias do Porto.

A nova edição do Codigo 200 reis; pelo correio 210; pelo seguro 250 reis. A Nova Reforma Judicial e Reforma de instrucção 120 reis—pelo correio 150 reis sem separado.

OBRAS ELEMENTARES

COORDENADAS POR

J. S. DE FIGUEIREDO E CASTRO

Elementos de grammatica portugueza, 3.ª edição. 200 rs.

Noções elementares de arithmetica e systema metrico decimal, 5.ª edição, acrescentada com uma collecção de perto de 200 problemas.... 60 rs.

Faz-se abatimento nos pedidos de mais de 5 exemplares, feitos ao editor.

ANTONIO DE FREITAS SUGENA

AGUEDA

NOVA EDIÇÃO PORTATIL

DO

CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

COM UM APPENDICE DA

Legislação posterior ao mesmo codigo

publicada até hoje, incluindo n'elle os Regulamentos do Registo predial, da Caixa geral de depositos e do Registo civil, etc.

1 vol. in-16.º de 648 pag. br. 240

Encadernado..... 360

Pelo correio, franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas

Á livraria=Cruz Coutinho=Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20=PORTO.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATAÇÃO

No dia 20 do corrente, por meio dia e a porta do tribunal judicial, sito na Praça, d'esta villa, se ha de proceder á arrematação dos bens seguintes: Uma terra lavradia, sita no logar de S. João, de naturesa de praso de que é directo senhorio Joaquim d'Oliveira da Cunha, viuvo, d'Oliveira d'Azemeis, a quem paga annualmente de fôro 2:250 réis, avaliada na quantia de 800$000 rèis. Outra terra lavradia, sita no chão do monte, lemites do logar de Seixo branco, avaliada em 130$000 réis. Outra terra lavradia denominada a pequena, sita no logar do Seixo branco, allodial em 30$000 réis. Outra terra lavradia com pinhal e matto pegado, sita no logar do Seixo branco, allodial, avaliada em 300$000 réis. Outra terra lavradia sita no logar de Portinho, allodial, avaliada em 300$000 réis. E uma terra lavradia com cabeceiro de pinhal, sita no logar de Ribalta, allodial, avaliada na quantia de 50$000 réis, cujos bens são sitos na freguezia de Vallega, e vão á praça por deliberações do concelho para pagamento de dividas do casal de Antonio Pereira de Mendonça e mulher Maria Rosaria da Silva Lopes, do logar da Estrada de baixo, freguezia de Vallega, a quem pertence os referidos bens. Pelo presente são citados os credores incertos dos possuidores dos bens, para assistirem á arrematação.

Ovar, 1 de fevereiro de 1887.

Verifiquei a exactidão
O juiz de direito,
Brochado.
O Escrivão,
Eduardo Elysio Ferraz d'Abreu.
(48) 2

Pelo juizo de direito da comarca de Ovar, escrivão Sobreira, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo,» citando os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca para deduzirem os seus direitos, e os interessados Feleciano Rodrigues, maior, cujo estado se ignora, e Anna, solteira, menor, ambos auzentes em Lisboa, em parte incerta e filhos de Manoel Rodrigues, para todos os termos do inventario de menores a que se procede por obito do seu avô José Rodrigues, viuvo, que foi do lugar do Salgueiral de Cima, d'esta freguezia de Ovar, nos termos do art. 2048 do codigo civil.

Ovar, 3 de fevereiro de 1887.

Verifiquei
Brochado.
O Escrivão,
Antonio dos Santos Sobreira.
(49) 1

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e pelo cartorio do escrivão Ferraz correm editos de 30 dias, a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo,» citando os interessados Josepha Clara de Jesus e marido Antonio d'Oliveira Soares, ausente no imperio do Brasil, em parte incerta, e os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, estes para deduzirem o seu direito e aquelles para todos os termos do inventario de menores a que se procede por fallecimento de Manoel Ferreira Dias, morador, que foi na travessa do Outeiro, d'esta villa.

Ovar, 5 de Fevereiro de 1887.

Verifiquei
O juiz de direito,
Brochado.
O Escrivão
Eduardo Elysio Ferraz d'Abreu.
(50) 1

ANNUNCIOS

JOÃO ALVES

PRAÇA D'OVAR

(JUNTO AO PASSO)

Participa ao publico que recebeu ultimamente um bom sortido de chales modernos assim como merinos de pura lã, o melhor que ha n'este genero, castorinas modernas e um grande sortido de cazemiras estrangeiras, e cobertores modernos.

Tambem acaba de receber: uma grande collecção de guarda-soes de merino e ditos de seda superior com lindissimos cabos, como se não encontram em outro estabelecimento, que vende por preços commodos, para o que chama a attenção do publico.

Recommenda ás amaveis leitores, um sortido que lhe chegou de meias de lã de differentes côres, tanto para senhoras como para crianças, e de toucas modernas para crianças.

Annuncia tambem que tem um lindo sortido de mantas, camisolas, luvas de casemira suspensorios e fachas de merino.

Vende panno lavrado de Lisboa por preços que ninguem pode competir e em fim espera em breve um grande sortido de calçado que venderá a preços muito commodos.

SEGURO

CONTRA O RISCO DE FOGO

COMPANHIA "PROBIDADE"

Capital, 1:000:000$000 reis

SÉDE EM LISBOA

Segura predios a 120 rs. por 1:000$000

Idem mobilia a 150 rs. » »

Agente em Ovar,
João Alves

PRAÇA

2

Venda de casa

Vende-se uma casa alta, nova, na rua das Figueiras com os n.os 51 — 53. Tem caminho de carro e de pé, bom quintal e poço.

Para tratar com Manoel Joaquim Paes—Ovar.

Mánoel Joaquim Paes

Rua das Figueiras n.º 51—53